



**SIMÓN BOLÍVAR: A CONSTRUÇÃO DO LIBERTADOR
OS USOS DAS CRÔNICAS COLONIAIS E O JORNAL
CORREIO DE ORINOCO (1805-1825)**

MARCUS VINÍCIUS DE MORAIS¹

O presente trabalho busca analisar de que modo algumas crônicas coloniais do século XVI foram apropriadas, no século XIX, para a construção da imagem do "Libertador", entre os anos de 1805 e 1825². Essa construção foi feita tanto pelo próprio Simón Bolívar como pela imprensa republicana, em jornais como o "Correio de Orinoco"³. Essa imagem criada no século XIX dialoga, sobretudo, com o passado colonial da América, na medida em que o "Libertador" se relaciona com as narrativas que foram construídas sobre o "Conquistador". A partir da leitura prévia das fontes é possível pensar que a construção da imagem do "Libertador" teve como referência as narrativas do século XVI, tanto a dos relatos dos conquistadores, como Hernán Cortés e Francisco Pizarro, como a da *legenda negra* denunciada pelo frei dominicano Bartolomé de Las Casas.

Desse modo, o "Libertador" não seria apenas fruto da novidade iluminista, mas estaria, sobretudo, também vinculado às antigas narrativas dos primeiros tempos da colônia, que estavam fortemente enraizadas na história da própria América.

Esta problematização será examinada à luz dos regimes de historicidade, do historiador François Hartog (HARTOG, 2013) e a partir das relações entre os *espaços de experiências*, vividos durante as guerras de emancipação contra a Espanha, e

¹Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduado, Mestre e Doutorando em História Cultural pela mesma instituição. A pesquisa se encontra em estágio inicial de elaboração. Orientador responsável: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

²O recorte cronológico escolhido faz referência aos momentos em que a imagem do "Libertador" foi construída. O ano de 1805 marca o famoso *Juramento do Monte Sacro*, Roma, em que, segundo a tradição, Bolívar teria feito uma promessa: libertar a América. A data de 1825 marca a *Batalha de Ayacucho*, em que as tropas republicanas conseguiram libertar o Peru. A partir dessa data, a imagem do Libertador começou a ser desconstruída. A partir de 1826, a imagem negativa de Bolívar começa a ganhar mais força, após as críticas sofridas lançadas contra a Constituição da Bolívia. Entre os anos de 1828 e 1830 ele, inclusive, será chamado de "Ditador".

³O jornal "*Correio de Orinoco*" foi publicado em Angostura entre os anos de 1818 e 1822 e fez parte da forte propaganda republicana na América. O próprio Bolívar escreveu e colaborou com a publicação.

os *horizontes de expectativas* criados sobre o futuro da América, partindo dos conceitos desenvolvidos por Reinhart Koselleck (KOSELLECK, 2006). A leitura das fontes e a relação com a construção da imagem do "Libertador" também passam pelo conceito de representação desenvolvido por Roger Chartier (CHARTIER, 2002) e pelas análises a respeito da História Cultural trabalhadas pelos historiadores Dominick La Capra (LA CAPRA, 1998) e Lynn Hunt (HUNT, 2001).

É difícil dizer o quanto Bolívar e os primeiros republicanos da América leram, de fato, todas as obras iluministas citadas em seus escritos⁴. Muitos liam apenas fragmentos, trechos espalhados, faziam referências de memória e, sem dúvida, citar este ou aquele autor europeu trazia autoridade e legitimidade aos textos. De certo modo parecia existir um modelo de escrita, circunscrito a um grupo específico, a uma comunidade de leitores. Esses autores partilhavam um certo código de elite, baseado na guerra, nas narrativas de honra e glória, criando, assim, uma forte ideia de coesão, de grupo, de identidade:

⁴Sobre sua formação, Bolívar destacou as leituras que fez dos teóricos iluministas. As referências à Antiguidade Clássica também são abundantes. O interessante é perceber o quanto ele fez questão de narrar o conhecimento que tinha desses autores, se colocando, então, como herdeiro dessa tradição clássica, europeia e iluminista. Para todo e qualquer estudo a respeito de Bolívar seria interessante passar pelas biografias que sobre ele foram escritas. Dentre as diversas biografias escritas, algumas foram selecionadas. A obra "*Bolívar*", do historiador espanhol Salvador Madariaga, foi escrita em 1951 e está dividida em dois grandes tomos. O autor questionou alguns pontos importantes a respeito da biografia do general, entre eles as qualidades militares e seu desejo constante por poder. Madariaga claramente quis atacar e destruir o mito do herói. Outra importante obra é o livro "*Bolívar visto por sus contemporáneos*", do escritor argentino José Luis Busaniche, publicada em 1960. A biografia foi construída a partir de diversos relatos feitos por homens que o acompanharam e o conheceram em vida. A vantagem da obra é poder ler relatos e fontes primárias escritos por pessoas que tiveram diferentes relações com o general, tanto de admiração como de inimizades. Em 1976, José Luis Salcedo-Bastardo escreveu o livro "*Visão e Revisão de Bolívar*". A obra reforça a ideia do herói, cheio de valores morais e proezas militares. Salcedo Bastardo insistiu bastante na ideia de que se tratava de um reformador completo, senhor de todas as mudanças e melhorias. O livro do historiador David Bushnell, "*Simón Bolívar: hombre de Caracas, proyecto de América – una biografía*", foi escrita no ano de 2002. O autor faz uma análise social a respeito do período das independências, dando destaque para as tensões sociais que existiam entre *criollos*, indígenas, espanhóis e escravos. Ainda assim, o autor enfatiza bastante os relatos das batalhas, nomes de generais, políticos, embora quase nunca cite a documentação original, dando certo aspecto de ensaio ao texto. Passados quatro anos após a publicação de Bushnell, foi a vez do historiador John Lynch publicar, em 2006, o livro "*Simón Bolívar - A life*". O autor não esconde sua simpatia pelo objeto de estudo, mas em nenhum momento se deixa levar pela palavra do Libertador. Trata-se de uma análise crítica, profissional e bem documentada a respeito de um processo e de seu personagem. É possível entender de forma clara o contexto específico do período tratado e, por fim, compreender os impactos e os usos que são feitos de seu discurso e trajetória. O historiador venezuelano Elías Pino Iturrieta publicou o livro "*Bolívar: esbozo biográfico*" no ano de 2012. O autor tem tido um esforço contínuo em sua carreira para desconstruir os dois extremos existentes sobre a imagem de Bolívar. Para ele, não se trata nem de herói, nem de vilão. O mais importante seria devolvê-lo ao seu próprio tempo e às circunstâncias específicas que permitiram esta ou aquela decisão do general. Uma das últimas biografias lançadas sobre Simón Bolívar é a recente obra da jornalista peruana Marie Arana, publicada em 2013, intitulada "*Bolívar: Libertador da América*". Em comparação às obras de Madariaga, Bushnell, Lynch e Iturrieta, a obra da autora traz poucas contribuições. Em tom de romance histórico, a autora resgata, de certo modo, os escritos de Salcedo-Bastardo e das narrativas heroicas que foram construídas a respeito do Libertador. Na verdade, ela reforça vários estereótipos existentes sobre Bolívar: o amante descontrolado, dançarino, tempestuoso, comandante militar brilhante e, claro, homem das luzes, da ciência e da razão.

"[...] a elite criolla descobriu a possibilidade de utilizar a guerra como elemento de união interna [...]. Heroísmo, glória, honra, virtude, alcançados por meio da morte no campo da batalha eram elementos valorativos e utilizados nas cartas de Bolívar como um meio para construir sua memória" (FREDRIGO, 2007: 311).

Mas, ao mesmo tempo, seria interessante saber algo que eles quase nunca mencionam. E as leituras dos autores passados? E os relatos do início do período colonial, os cronistas religiosos e os conquistadores do século XVI? Certamente homens como Bolívar também foram instruídos por seus tutores aprendendo fatos da história da própria América: "Leitores de Colombo, Cortés e Las Casas, de cronistas e evangelizadores das Índias [...] os primeros republicanos da América Hispânica olharam suas sociedades através do prisma daquelas leituras" (ROJAS, 2009: 22).

A guerra de emancipação da Espanha dividiu a história da América em dois tempos: antes e depois da independência. Antes da independência tudo era escuridão, servidão, submissão à monarquia absoluta: "[...] com a independência surgem a luz, a soberania nacional, a liberdade republicana. Nesse sentido, Bolívar e sua geração adquirem o significado de salvadores e heróis que dividem a História [...]" (SORIANO, 1992: 8).

Diante dessas relações temporais, entre passado e presente, surge a construção da imagem do "Libertador". Os seus relatos, suas cartas, e boa parte da documentação escrita por ele, transmitem uma ideia específica de Bolívar, ou seja, uma construção de si, sendo que essa mesma imagem também aparecia e era reforçada na propaganda de jornais emancipacionistas como o "Correio de Orinoco", publicado em Angostura, entre os anos de 1818 e 1822.

A narrativa construída a respeito de Bolívar seduz, na medida em que ela é reparatória. O seu personagem representa um acerto de contas do continente com o seu próprio passado. Ele encarna, no campo simbólico, a cura das feridas e das mazelas coloniais. Simón Bolívar, "Libertador", estanca o sangue derramado por Hernán Cortés, o "Conquistador". Em seu "Discurso pronunciado em Bogotá sobre a incorporação da Cundinamarca às Províncias Unidas", de 13 de Janeiro de 1815, o general escreveu: "[...] A América inteira está tingida com sangue americano. Ele era necessário para lavar uma mancha tão envelhecida" (BOLÍVAR, 1983: 70).

A ideia do "Libertador", então, dialogava com a do "Conquistador". Cortés dominou, Bolívar libertou. Era quase como se a imagem de Bolívar precisasse refazer o percurso de Cortés, atravessando o continente, enfrentando perigos, fazendo alianças, recebendo louros por suas vitórias, mas com outro objetivo: em vez de dominar, o de libertar.

Em suas cartas de relação ao imperador Carlos V, Cortés avançava em direção a Tenochtitlán no ano de 1519. Ele dizia que tinha poucos soldados, que a natureza era hostil, com subidas, descidas, rios e montanhas. Cortés se narrou como protagonista. Ele se representou como herói da conquista espanhola. Algo semelhante foi narrado por e sobre Bolívar. Ele seria o anti-herói da Espanha. A diferença é que em vez de conquistar em nome da coroa, como Cortés ou Pizarro, ele “desconquistava” em nome da América. O continente assaltado e injustiçado no século XVI refazia a sua própria história no XIX. Parece existir, de fato, uma influência das narrativas cortesianas sobre o “Libertador”. Dessas crônicas se fez um novo uso, uma apropriação, para outros fins e em outro momento histórico. Em carta a José Manuel Restrepo, escrita em Chancay, no dia 10 de Novembro de 1824, Bolívar respondia ao escritor:

“O gênio da América tem guiado a minha campanha e a fortuna nos tem sorrído. Não faz um ano que saí de Lima para tomar quinze províncias que estavam em mãos de dissidentes e libertei mais de vinte que estavam nas mãos dos opressores. Consegui tudo sem um tiro de fuzil [...] sepultamos a guerra civil no abismo do esquecimento, e temos arrancado o cetro do poder dos sucessores de Pizarro” (BOLÍVAR, 1983: 234).

Durante as guerras de conquista, Hernán Cortés também criou uma imagem do inimigo a ser vencido. Naquele momento, eram os *mexicas*, os indígenas liderados por Montezuma II. Ele afirmava que os indígenas americanos eram bárbaros, adoradores de uma falsa religião, idólatras e selvagens, praticantes de sacrifícios humanos. A respeito da violência empregada pelos conquistadores espanhóis, surgiu a ideia da *legenda negra* de Bartolomé de Las Casas presente, sobretudo, na "*Brevíssima relação de destruição das Índias*", de 1552. O frei dominicano fazia uma denúncia:

"[...] os espanhóis devastaram quase tudo no espaço de duas horas, passando a fio de espada crianças, mulheres e velhos e todos quantos não puderam fugir. [...] E aos outros todos mataram-nos a golpe de lanças e a fio de espada. Também os atiravam a cães furiosos que os dilaceravam e os devoravam" (LAS CASAS, 1996:61).

No caso de Bolívar também existiu, assim como em Cortés, a necessidade de se criar uma imagem e uma narrativa sobre o inimigo. A ideia de inferioridade, de barbárie e de

selvageria aparecem em Bolívar, mas em vez de atribuir essas características aos indígenas, ele as atribui aos espanhóis. O mal e o inimigo e a horda selvagens, agora, eram o espanhol colonizador. Assim, os escritos de Bolívar se utilizam tanto do modelo cortesiano, de criar um inimigo selvagem, quanto da tradição lascasiana, no sentido de se fazer uma denúncia contra as atrocidades cometidas por esse mesmo inimigo. Em seu famoso decreto chamado "Guerra até a Morte", pronunciado em Trujillo, em 15 de Junho de 1813, Bolívar escreveu que a sua missão se dirigia a romper as cadeias da servidão que esmagavam os povos: “Que desapareçam para sempre do solo colombiano os monstros que o infestam e o cobrem de sangue”; [...] os bárbaros espanhóis, que os tem aniquilado com a rapina e os tem destruído com a morte [...]” (BOLÍVAR, 1983: 234).

A construção da Espanha como o mal era feita o tempo todo, tanto por Bolívar como pela propaganda republicana. Isso é possível de ser verificado em vários documentos. Em seu conhecido "Manifesto de Cartagena", de Dezembro de 1815, o general venezuelano afirmou: “[...] nossos naturais e implacáveis inimigos, os espanhóis europeus, que maliciosamente permaneceram em nosso país para mantê-lo incessantemente inquieto e promover quantas conspirações lhes permitissem formar [...]” (BOLÍVAR, 1992: 42). No mais famoso documento de Bolívar, "Resposta de um americano meridional a um cavaleiro desta ilha", conhecido com *Carta da Jamaica*, de Setembro de 1815, ele recorreu diversas vezes às imagens trágicas lascasianas:

“Há três séculos começaram as barbaridades que os espanhóis cometeram no grande hemisfério de Colombo [...]. O filantrópico bispo de Chiapas, o apóstolo da América, Las Casas, deixou para a posteridade uma breve relação delas”; [...] crimes sanguinários cometidos naquele opulento império, pois os espanhóis nada poupam, desde que consigam submeter os que tiveram a desgraça de nascer naquele solo, que aparece destinado a se encharcar com o sangue de seus filhos” (BOLÍVAR, 1992: 57).

No mesmo documento, Bolívar fez novamente menção aos conquistadores e ao frei dominicano Las Casas:

“Parece que o senhor quer aludir ao monarca do México, Montezuma, preso por Cortés e morto, segundo Herrera, pelo mesmo [...] e a Atahualpa, inca do Peru, destruído por Francisco Pizarro e Diego de Almagro”; “A Nova Granada unir-se-á à Venezuela, cuja capital seja Maracaibo ou uma nova cidade que, com o nome de Las Casas seja fundada entre os limites de ambos os países [...]” (BOLÍVAR, 1992: 57).

Em seu conhecido "Discurso de Angostura", de Fevereiro de 1819, o general Bolívar manteve o mesmo tom em sua narrativa: “[...] Com os membros inchados pelos grilhões, a vista enfraquecida pelas sombras das masmorras e aniquilados pelas pestilências servis, serão capazes de caminhar com passos firmes rumo ao augusto templo da liberdade?” (BOLÍVAR, 1992: 85). No jornal "Correio de Orinoco" também estão presentes as menções à legenda negra e aos conquistadores espanhóis. Em duas edições de 1820 é possível perceber esse mesmo tom quando o alvo do ataque era o comandante espanhol Pablo Morillo:

“Não foi menos horrível a carta que este cruel general escreveu a Fernando VII: [...] ‘É necessário que eu destrua a população destes países pelo fogo, pelo ferro, pela fome e por quantos trabalhos e misérias inspira um furor desnaturalizado como fizeram Cortés, Pizarro e todos os conquistadores espanhóis com milhões de índios infelizes’”(Jornal Correio de Orinoco, número 77, 26 de Agosto de 1820).

“O General Morillo renovou na Nova Granada com suas atrocidades os horrores dos tempos de Cortés e Pizarro na América. Ele fez expor ao público os membros mutilados dos homens mais respeitados e se vangloriou de ter exterminado os homens do iluminismo” (Jornal Correio de Orinoco, número 64, 27 de Maio de 1820).

Na medida em que se trabalhava com a legenda negra e se associava as atrocidades do domínio espanhol aos conquistadores do século XVI, a imagem do "Libertador" se construía. Em uma edição de 1821, pode-se ler: “A presença do imortal Bolívar, semelhante a do belo astro que brilha sobre nós. [...] Nós vemos neste homem singular não apenas o autor de nossa emancipação, mas o conservador da liberdade, o augusto garantidor dos direitos do povo” (Jornal Correio de Orinoco, número 99, 31 de Março de 1821).

A ideia de que existe um destino pré-determinado, de missão providencialista de Bolívar, também aparece com frequência em seus escritos⁵. A providência divina, de acordo

⁵A respeito do mito de Simón Bolívar e da construção da ideia de herói, existem várias obras que podem auxiliar para a compreensão do tema. O historiador venezuelano Germán Carrera Damas, em 1969, desenvolveu importante tese, em sua obra *"El culto a Bolívar"*. O autor afirmou ter ocorrido uma mudança do *"culto do povo"* (espontâneo) para a elaboração de um *"culto para o povo"* (do Estado). O projeto político de Bolívar não deu certo, mas ele venceu, de certo modo, a batalha da memória. Nesse sentido, o culto se torna uma eterna esperança. Ele é um futuro que não chega. Essa esperança, que é ao mesmo tempo uma espera, se transforma em poderosa arma unificadora, utilizada por diversos políticos ao longo do século XX”. Elías Pino Iturrieta, estudioso venezuelano, também analisou a figura mítica de Bolívar, no ano de 2003, na obra *"El divino Bolívar"*. Ele afirma que existiu um esforço para se criar um passado digno de veneração. As sociedades buscam um protetor que se assemelhe ao Deus criador. Não querem ficar órfãs e precisam encontrar uma garantia de que estão seguras de que chegarão igualmente à Terra Prometida. A construção da figura do "Libertador" segue exatamente essa lógica. Ele é o criador e, ao mesmo tempo, aquele que, no futuro, será identificado com esse

com as crônicas, agia sobre as ações dos homens. Nos textos dos séculos XV e XVI, os personagens eram utilizados por Deus, dentro de uma lógica e de um plano divinos. Cortés e Pizarro agiam a partir da vontade e dos desígnios do Senhor.

A narrativa providencialista também apareceu na construção que Bolívar fazia do "Libertador". Em seu "Manifesto em Carúpano", em Setembro de 1814, ele afirmou: “Fui eleito pelo destino das armas para quebrar vossas correntes, como também fui, digamos assim, o instrumento que se valeu a Providência Divina para acalmar vossas aflições”. No mesmo documento, Bolívar prossegue e diz que as lutas de independência são *uma obra* que está fora do alcance de todo poder humano: “[...] O homem é o débil joguete da fortuna [...] uma ordem muito superior a nossa”; Combatam, pois, e vencerão. Deus concede vitória à constância” (BOLÍVAR, 1983: 67).⁶

Em vários momentos de suas campanhas militares, Bolívar utilizou uma linguagem gestual, teatralizante, estetizando, de certo modo, imagem e poder, a partir de suas entradas triunfais em vilas e cidades: “[...] Bolívar e suas tropas eram saudados com honras em praças públicas, o que era uma forma de seguir uma tradição instaurada pelos primeiros heróis conquistadores, como Cortés, por exemplo” (REINATO, 2000: 60). Em carta para Antonio Zea, redigida no ano de 1819, escreveu o general:

[...] Em todo o caminho, grupos de pessoas obstruem a passagem, e as mães com a oferta que têm feito de seus filhos à pátria, têm consagrado outras, tão naturais, tão calmas, que as tenho apreciado mais do que objetos de muito valor. Os arcos triunfais, as flores, as aclamações, os hinos, as coroas ofertadas e postas sob minha cabeça pelas mãos de belas jovens, os festins e mil demonstrações de

passado de glórias. A historiadora Véronique Hébrard, em seu artigo “*El hombre en armas: de la heroización al mito*”, publicado em 2006 também trabalha a respeito da importância da criação desse mito. A guerra consagrava o nascimento de uma “nova raça” de homens: militares, cidadãos, patriotas, virtuosos e prudentes e esta nova raça substituiu simbolicamente a “raça espanhola”.

⁶Do ponto de vista teórico, discutindo o conceito de herói, temos a obra de León Pomer “*La construcción de los héroes: imaginário y nación*”, de 2005. O autor afirma que todo herói nasce a partir de referências culturais já existentes. Nesse caso, o “Libertador” dialogaria com imagens e símbolos culturais identificáveis no mundo colonial, que já estavam ali antes mesmo da chegada dos ideais iluministas. Patricia Funes, no livro “*Ideas políticas en América Latina*”, de 2014, afirmou que esses modelos ideológicos foram lidos a partir de significados preexistentes, ideias espontâneas, elaboradas na experiência secular do mundo colonial, em que a mestiçagem e a aculturação haviam criado uma nova sociedade. É verdade que Bolívar perde. Ele é derrotado, mas o “Libertador” sobrevive. Hugo Francisco Bauzá analisou o modelo de herói clássico e mostrou o quanto ele está presente em diversos tipos de personagens heroicos existentes no mundo ocidental. Na obra “*El mito del héroe: morfología y semántica de la figura heroica*”, de 1998, ele afirmou que todo herói sempre tem uma função social específica: seja para glorificar a um grupo ou a um indivíduo, seja para justificar um determinado estado de coisas”. Várias características desse herói clássico, que se encontram presentes também nos romances de cavalaria e nas narrativas épicas dos conquistadores, aparecem também na construção do Libertador: os heróis tem em comum o fato de serem transgressores, de encaminhar suas ações e ultrapassar o umbral do proibido, de ir mais além dos limites impostos pela sociedade.

*contentamento, são os menores dos presentes que tenho recebido [...]" (Carta para Antonio Zea. Puente Real, 26/09/1819. LECUNA, Vicente. *Cartas del Libertador* (1818-1820), 2.ed., 1964, Tomo II, p.93).*

Interessante perceber como essa estrutura escrita por Bolívar se aproximava dos relatos feitos por Hernán Cortés ou pelo soldado Bernal Díaz del Castilho, membro da tropa espanhola presente na tomada de Tenochtitlán em 1521. Como foi dito anteriormente: o "Libertador" era um "Conquistador" com um objetivo invertido.

"No outro dia de manhã saíram da cidade para me receber no caminho, com muitas trombetas e tambores e muitas pessoas das que eles tem por religiosas em seus templos, vestidas das roupas que usam e cantando do seu modo como o fazem nos ditos templos. E com esta solenidade nos levaram até entrar na cidade e nos colocaram em um aposento muito bom onde todas as pessoas da minha tropa descansaram para a minha felicidade" (CORTÉS, 2007: 109).

"E quando viram entre as suas casas um homem a cavalo e seis a pé, se espantaram de grande maneira. E depois que souberam que era Cortés, que tão renomado era em todas as partes das Índias e de Castela, não sabiam o que fazer de tanta felicidade, e depois vieram todos os caciques beijar suas mãos e lhes dar as boas vindas" (CASTILLO, 2007: 478).

Nesse sentido, é possível perceber que em muitos documentos escritos por Bolívar temos uma representação muito bem pensada e determinada. Ele transmite uma imagem específica, criando, assim, uma espécie de personagem⁷. "O campo da representação de si permite a 'invenção', pois escrever de si para outrem é assumir uma *persona*."

O autor Pierre Bourdieu fala de uma *ilusão biográfica*: quem escreve sobre si tende a ter essa "[...] propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência [...] como causas ou, com mais frequência, como fins [...]" (BOURDIEU, 1996: 184-185). As cartas de Bolívar, ao serem analisadas pela historiadora Fabiana Fredrigo, revelaram esse esforço do general em criar sua própria imagem: "A escolha do que escrever, de como escrever, e a constância com a qual escrevia indicavam a conformação de uma memória no epistolário. Além disso, era patente no epistolário o desejo

de que a memória construída fosse aceita pela posteridade” (FREDRIGO, 2007: 34). A escrita das cartas, afirma a autora, subsidiava um projeto de memória

O personagem Bolívar, aparentemente pronto e irretocável, era também a sobreposição de vários personagens e narrativas contidas na história da América. A imagem que ele criou de si, o modo como se viu e se representou, certamente dialogou com muitos textos e personalidades que ele habilmente se apropriou e manipulou.

A partir disso, se torna importante revisitar Bolívar. É preciso recuperar os caminhos feitos por ele, suas leituras, suas referências, o que aprendeu e apreendeu a respeito da história do continente. Nesse caso, também devem ser revisitados os textos coloniais, entender e destrinchar a circulação desses livros na América durante o século XIX, dentro de uma comunidade de leitores e da própria imprensa republicana.

Esse enfoque a respeito de Bolívar nos faz ver um general que também ainda era vinculado às referências do Antigo Regime, às histórias coloniais. Isso nos parece ser, sem dúvida, algo original dentro da historiografia bolivariana. O "Libertador" parece também dialogar com as narrativas de Cortés e Las Casas e não apenas com Voltaire, Rousseau, Washington ou Napoleão. Não estamos mais apenas diante do mito ou do homem das luzes e nem mesmo do herói romântico. Mas, antes o contrário, nos colocamos diante de um personagem histórico que transita entre "espaços de experiências" e "horizontes de expectativas", numa corrente ininterrupta de "historicidade" e dentro de formas complexas de "representação", tanto de si como do mundo que o cerca, que o cercou e que o sucederá: "o interessante seria "[...] construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possa ter conforme os pontos de vista [...]" (LEVI, 2002: 171).

As apropriações de Bolívar mostram como ele se apoderou do mundo textual herdado por seu tempo e também narrou suas próprias proezas. Ele é o autor de seus próprios relatos. Ao perceber que o seu projeto político naufragava, o que lhe restou foi erguer um "monumento de si". A maior obra de Bolívar foi a independência de cinco nações na América Espanhola. Mas, pensando de outro modo, parece que a sua maior obra foi a dependência da América em relação à sua imagem de "Libertador". O general libertou parte da América. Mas essa mesma parte libertada por ele conseguiu se libertar do próprio "Libertador"?

Nesse sentido, pode-se dizer que o objetivo central deste trabalho é analisar de que modo foi se construindo a imagem do "Libertador" entre os anos de 1805 e 1825, tanto a partir das escritas de Simón Bolívar, presentes em ampla documentação disponível em

formato digital no chamado *Archivo del Libertador*⁸, como nas edições do jornal "*Correio de Orinoco*", periódico de propaganda republicana, publicado em Angostura entre os anos de 1818 e 1822.

A partir da leitura das fontes torna-se possível compreender de que modo se deu a construção da imagem do "Libertador", tendo como referência principal os escritos dos primeiros tempos da colonização espanhola, tais como as "*Cartas de Relación*" de Hernán Cortés, a obra "*Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*", do soldado Bernal Díaz del Castillo e os escritos do frei Bartolomé de Las Casas, dentre eles principalmente a "*Brevíssima relação de destruição das Índias*".

A partir disso, é possível estabelecer as relações entre passado, presente e futuro⁹ na construção feita sobre o "Libertador". A elite *criolla* resgatou os escritos do padre Las Casas, lendo e interpretando o passado colonial a partir da *legenda negra*. Nesse sentido, os conquistadores aparecem como violentos, agressivos, assassinos e invasores. Essas referências parecem determinar os modos de se narrar não apenas a independência, mas, sobretudo, de que maneira se construiu a imagem de Simón Bolívar.

O general venezuelano, assim, foi visto, por um lado, como a *oposição* narrativa dos conquistadores do século XVI: libertador, salvador, reconquistador da América, repleto de virtudes morais, racional e cheio de princípios. A referência dos escritos dos conquistadores, por outro lado, aparece também na *releitura* e na permanência de alguns modelos. O "Libertador" foi igualmente representado com fortes valores militares, tais como honra, glória, prestígio, em grandes desfiles, cavalos, armas, brasões, bailes e sempre recebido com flores, damas e *te deum*, menções típicas das narrativas do XVI.

⁸ www.archivodellibertador.gob.ve (Acessado em 15/05/2015)

⁹ A construção da ideia do "Libertador" também passa pelas discussões a respeito de utopias e projetos políticos para o futuro da América, na medida em que Bolívar não apenas condenava o passado do continente, visto como período de exploração e violências espanholas, mas também projetava uma ideia de sociedade perfeita para o porvir. Nesse sentido, o conceito de "comunidades imaginadas", desenvolvido por Benedict Anderson, em seu livro "*Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*", de 2008, é uma importante referência. Rafael Rojas também trabalhou com as utopias no momento de construção das nações, durante as guerras de emancipação. Em sua obra "*Las Republicas del Aire*", de 2009, o autor afirmou que a pluralidade ideológica das utopias tem a ver com subsolo histórico sobre o qual descansa qualquer representação de uma comunidade ideal. Nesse caso, Rafael Rojas afirma que toda e qualquer utopia nasce de um "subsolo histórico", ou seja, de algo profundo e necessariamente já existente na sociedade. Desse modo, é plausível pensar que o "Libertador" e suas ideias dialogavam muito com tradições do início do período colonial e não apenas com as luzes: "Bolívar usava uma retórica utopista com o fim de tatear historicamente a possibilidade da integração". François Xavier-Guerra, em seu livro "*Inventando la Nación*", publicado em 2003, reafirma a ideia de que a construção dos mitos e da narrativa da independência necessitava de referências anteriores. A construção da nação exigia mitos compartilhados por todos: uma história da origem da nação, de seus heróis fundadores e de seus inimigos, do horrível passado do qual conseguiu se livrar e do grandioso futuro que lhe cabe esperar.

Desse modo, um dos principais objetivos é "recontextualizar" Bolívar e a construção do "Libertador", na medida em que o general estaria muito vinculado às tradições da História da América, desenvolvidas e existentes desde os tempos da Conquista. A tradição da narrativa dos conquistadores e de Las Casas exerceu enorme peso e influência sobre os escritos da elite *criolla* tanto quanto as ideias iluministas, recém chegadas da Europa. Não se trata de negar ou afirmar que os iluministas não foram lidos, mas sim de destacar a força de trezentos anos de história hispano-americana. Por mais que sejam citados os autores ilustrados (como referências e autoridades textuais), por mais que sejam mencionados a todo momento Voltaire e Rousseau (dentro de uma específica comunidade de leitores), por detrás dessa capa cheia de racionalidade, ou seja, no fundo dessa roupagem das luzes, em silêncio e como um rio profundo, parece-nos correr a história dos primeiros anos da colonização da América, cheia de padres evangelizadores e de conquistadores guerreiros, com suas guerras e proezas sem fim.

• FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

ARCHIVO DEL LIBERTADOR (www.archivodellibertador.gob.ve)

BOLÍVAR, Simón. *Escritos Fundamentais*. Caracas: Venezuela, 1983. Seleção de Germán Carrera Damas. p.234.p.67.

BOLÍVAR, Simón. *Escritos Políticos*. Campinas. Editora da Unicamp, 1992.p.57.

CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Porrúa: México, 2007.

CORTÉS, Hernán. "Cartas de Relación".in: *Crónicas de América*. Madrid: Dastin, 1985.

LAS CASAS, Bartolomé. Brevíssima relação da destruição das Índias. Lisboa: Antígona, 1997.

_____. *Historia de las Indias*. México: FCE, 1986.

CORREIO DE ORINOCO: Arquivo digital disponível em formato PDF.

Bibliografia geral:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARANA, Marie. *Bolívar: o Libertador da América*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

BAUZÁ, Hugo Francisco. *El mito del héroe: morfología y semântica de la figura heroica*. Buenos Aires: FCE, 1998.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina - volume III - Da Independência até 1870*. São Paulo: Edusp, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1986.

_____. "A ilusão Biográfica". in: *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. (pp.183-191).

BUSANICHE, José.Luis. *Bolívar visto por sus contemporáneos*. México: FCE, 1986.

BUSHNELL, David. *Simón Bolívar: hombre de Caracas, proyecto de América – una biografía*. Buenos Aires: Biblos, 2002.

BRUIT, Héctor Hernán. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: Editora da Unicamp - Iluminuras, 1995.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. "O mundo como representação". in: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRS, 2002.

DAMAS, Germán Carrera. *El culto a Bolívar*. Caracas: Grijalbo, 1989.

_____. *Cuestiones de Historiografía Venezolana*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1964.

_____. *Historia de la Historiografía Venezolana*. Caracas: Ediciones de la Biblioteca, 1961.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. (pp. 129-160).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

_____. “As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana”. In: *Varia História*. Belo Horizonte: volume 23, número 38, 2007. (pp.293-314). p.311.

FUNES, Patricia. “Soberanías y Emancipación”. In.: *Ideas políticas en América Latina*. Madrid: Turner, 2014. (pp.15-36).

FURET, François. “A Revolução no imaginário político francês”. In: *A Revolução em debate*. Bauru: Edusc, 2001. (pp.55-70)

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: historia de uma polêmica (1750 – 1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRUZINSKI, Serge e BERNAND, Carmen. *História do Novo Mundo: da descoberta a conquista, uma experiência européia (1492 – 1550)*. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. *A Guerra das Imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492 – 2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUERRA, François-Xavier. *Inventando la Nación: Iberoamérica siglo XIX*. México. FCE, 2003.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HARVEY, R. *Los libertadores: la lucha por la independencia de América Latina*. Barcelona: RBA Libros, 2002.

HARWICH, Nikita. "Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía". *Iberoamericana*, III, 10 (2003). (pp.7-22).

HÉBRARD, Véronique. “El hombre en armas: de la heroización al mito”. In.: *Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones, ficciones*. Lima: Institut Français d’études andines, 2006. (pp.1-28)

HERRERA, Luis Fernando Castillo. "Entre el respecto y la veneración: imagen y cuerpo del libertador Simón Bolívar". in: "*Revista Universitaria de Investigación y Diálogo Académico*". Volume 8, Número 3, 2012. pp.94-116.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ITURRIETA, Elías Pino. *Nueva Lectura de la Carta de Jamaica*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1998.

_____. *El divino Bolívar: ensayo sobre una religión republicana*. Madrid: Catarata, 2003.

_____. *Bolívar: Esbozo Biográfico*. Caracas: Editora Alfa, 2015.

KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

_____. "Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade" In *Idéias – revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Campinas: IFCH, Ano 11 (1), 2004. pp. 5 – 12.

KARNAL, Leandro e FREITAS NETO, José Alves (organizadores). *A Escrita da Memória – interpretações e análises documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2006.

LA CAPRA, Dominick. *Historia Intelectual: repensar a historia y leer textos*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998.

LEMPÉRIÈRE, Annick. *El paradigma colonial en la historiografía latino-americana*. Notas y Diálogos. (pp.107-128).

LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". in: *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas (1808-1826)*. Barcelona: Ariel, 1976.

_____. *Simón Bolívar*. Barcelona: Crítica Editora, 2010.

MADARIAGA, Salvador. *Bolívar*. México: Hermes, 1951. Tomos I e II

MÁRQUEZ, Gabriel García. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Nesta mesma edição, importante a leitura da "Introdução" (O Bolívar de Marx), feita por José Aricó.

MORAIS, Marcus V. *Hernán Cortez: civilizador ou genocida?* São Paulo: Contexto, 2011.

POMER, León. *La construcción de los héroes: imaginário y nación*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

QUIJADA, Monica. "Que nação? Dinâmicas e dicotomias da Nação no imaginário hispano-americano" (Cap. IX). in.: GUERRA, François-Xavier. *Inventando la Nación: Iberoamérica siglo XIX*. México. FCE, 2003.pp. 287-315.

QUINTERO, Inés. "Historiografía e Independencia en Venezuela". In.: *Debates sobre las independências iberoamericanas*. Madrid: Iberoamericana, 2007. (pp.221-236).

QUINTERO LUGO, Gilberto Ramón. "La leyenda negra y su influjo en la historiografía venezolana de la independencia".in: *Tierra Firme*. Caracas, volume 22, número 86, 2004.

REINATO, Eduardo José. *El Quijote de los Andes: Bolívar e o imaginário da independência na América: 1810-1830*. Goiânia: Editora da UCG, 2000.

REZA, Germán A. de la. "Genealogía intelectual de la Carta de Jamaica"..in.: *Cuadernos Americanos*. México, Março de 2015. pp.101-114.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROJAS, Rafael. *Las Repúblicas del aire: utopía y desencanto en la revolución de Hispanoamérica*. México: Taurus Historia, 2009.

SALCEDO-BASTARDO, José Luis. *Visão e Revisão de Bolívar*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

SORIANO, GRACIELA. "Introdução". in: *Simón Bolívar: Escritos Políticos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América – a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Nós e os outros: uma reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1989.